

Por entre o rastro e a memória das infâncias: Escrita, testemunho e sobre-vivências

BRUNA BORGES RODRIGUES¹; **DENISE MARCOS BUSSOLETTI²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – brubsrodriguesr13@gmail.com*

²*Denise Marcos Bussolletti – denisebussoletti@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Quando leio as palavras de Pavel Friedman (1942)¹ através de um poema afirmarem que as borboletas não vivem no gueto, somado as escritas deixadas em revistas clandestinas elaboradas por crianças enquanto estiveram prisioneiros e prisioneiras durante o período a segunda guerra mundial no Gueto de Terezín, na Alemanha... Escritas que sobreviveram ao tempo e ao extermínio da história, penso que, em época de revisionismo e negacionismo da história, tenhamos que refletir sobre o que significa a sobrevivência dessa experiência clandestina que foi a escrita das infâncias dentro dos campos de concentração nazista e ao que elas se dirigem.

Para tanto, o respectivo trabalho, que faz parte de um anteprojeto de dissertação, que tendo por base as revistas elaboradas no gueto de Terezín, propõe elencar um debate em defesa do educar pela memória e pela experiência do testemunho, através da palavra-vagalume elencada por Didi-Huberman (2014) que nos possibilita refletir sobre o significado de uma outra escrita da história, somado ao exercício de lembrar, escrever e esquecer, trazido por Gagnebin (2006).

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, este trabalho assumiu um caráter exploratório, em busca de materiais que trouxessem relatos, escritos, testemunhos de crianças sobre o período do holocausto. Desta forma, encontramos o Projeto “Terezín Relay”, que foi criado em uma colaboração entre alunos e professores da Escola Natural, Memorial do Holocausto e com o apoio do Memorial de Terezin, onde está disponibilizado de forma online as revistas “Kamarád; DOMOV; RIM RIM e VEDEM”. No entanto, todo material encontra-se em Tcheco, sem traduções, exceto a revista “Kamarád”, que foi recentemente traduzida e disponibilizada também de forma online, em espanhol, sendo então, devido a extensa quantidade de material, a escolhida para ser trabalhada, nos sentido de reflexão e problematização, sobre a importância da escrita dessas crianças e do educar pela memória e experiência do testemunho, em confluência com as referências bibliográficas escolhidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retomando o poema de Friedman, onde o mesmo rememora o dia que viu a última borboleta, tão cheia de vida e brilho, passar por Terezín... Uma borboleta amarela, que voava e se movia ligeiramente até o alto... Uma borboleta que fez Friedman, prisioneiro a 7 semanas no Gueto de Terezín, escrever que ali, naquele

¹ Pavel Friedman é autor do poema “Eu nunca mais vi outra borboleta”, o qual escreveu quando estava prisioneiro no Gueto de Terezín, no período da segunda guerra mundial. CATÁLOGO DO MUSEU JUDAICO DE PRAGA. No He Visto Mariposas Por Aqui. Tiskana Flora, 1996.

lugar, não haveria espaço para a existência de borboletas e, muito menos, para toda luz que elas poderiam significar... Podemos pensar se as borboletas deixaram de existir, bem como os vaga-lumes apontados pelo filósofo francês Didi-Huberman (2014).

Didi-Huberman na obra “Sobrevivência dos Vaga-lumes” (2014), defende a sobrevivência da experiência e da imagem, onde sua reflexão parte do artigo “O vazio do poder na Itália”, escrito por Pier Paolo Pasolini em 1977. Pasolini diagnostica, a partir da metade da década de 1960, “algo” que deu lugar a um “fascismo radicalmente, totalmente e imprevisivelmente novo”, que, tomado em dimensão antropológica, responsável por um “genocídio cultural”. O verdadeiro fascismo para ele, como defende Didi-Huberman, “é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo. É aquele que ‘conduz sem carrascos nem exceções em massa, à supressão de grandes porções da própria sociedade’, e é por isso que é preciso chamar de genocídio essa ‘assimilação (total) ao modo e à qualidade de vida burguesa

(pg. 27) ”.

Resumidamente, Didi-Huberman reflete sobre a morte dos vaga-lumes de Pasolini através de levantamento de “sobrevivências” trazidas por outros autores - a exemplo de Walter Benjamin e Agamben

Agamben sentenciou a destruição da experiência o luto de toda a infância, como Paolini o desaparecimento dos vaga-lumes, projetando sobre o presente o que ele conhecia de diferentes situações de guerra mundial, notadamente as descritas por Walter Benjamin. Ora, a própria experiência de guerra nos ensina- no que ela terá encontrado as condições, por mais frágeis que sejam, de sua narração e de sua transmissão- que o pessimismo foi, às vezes, “organizado” até produzir, em seu próprio exercício, o lampejo e a esperança intermitentes dos vaga-lumes. Lampejos para fazer livremente aparecerem palavras quando as palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 130).

Mas porque pensarmos no desaparecimento das borboletas assim como o dos vagalumes? A resposta possível é refletirmos se esse fato é realmente um desaparecimento real ou uma sobrevivência apesar de tudo, uma sobrevivência como a das palavras, as mais sombrias, que representam uma sobrevivência apesar de tudo...

Palavras-Vagalumes, ainda, as dos jornais do gueto de Varsóvia e das crônicas de sua insurreição; palavras-vagalumes as dos manuscritos dos membros do Sonderkommando ocultos sob as cinzas de Auschwitz e cujo lampejo dependia do soberano desejo do narrador, daquele que quer contar, testemunhar para além de sua própria morte (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 131).

Palavras-vagalumes, ainda, as das crianças prisioneiras no Gueto de Terezín que organizaram, através de uma escrita clandestina, revistas preparadas em seus “lares”, como Kamarád, Rim-Rim-Rim, Vedem, Domov . Revistas em geral manuscritas, que revelam o que foi o cotidiano no campo, mas também onde se desenham histórias em quadrinhos, se escrevem aventuras em capítulos. Palavras-vagalumes das crianças que, dentro do Gueto, construíram uma República para afirmar seus princípios esperançosos.

Palavras-vagalumes, que no outono de 1944 foram impedidas de continuar, pois a deportação para Auschwitz as exterminou e não deixou com que, como combinado na última edição da revista Kamarád, as crianças se reencontrassem depois da guerra, numa certa rua de Praga.

A morte de mais de 8 mil crianças deportadas de Terezín para Auschwitz entre 1942 e 1944 nos toca em que? Aliás, nos toca? Poderiam essas milhares de vidas torturadas e assassinadas serem reduzidas a apenas números na estatística dos extermínios durante a história da humanidade? Vidas, assim como as borboletas e vaga-lumes, que não podem ser tomadas como fim pelo desaparecimento... Vidas que devem ser apontadas como uma SOBREVIVÊNCIA apesar de tudo, pois

Ninguém morre tão pobre a ponto de não deixar alguma coisa. Neste dictum de Pascal, citado por Benjamin, deveríamos encontrar a energia para ver como um legado precioso - sobrevivente, a menor borboleta esboçada sobre um papel amarelado, no campo de Terezín, por Marika Friedmanova, pouco antes de ser deportada e morta pelo gás em Auschwitz, aos onze anos de idade (HUBERMAN, 2014. pg 133)

Essa sobrevivência com um elo entre ética e estética, através da arte, foi uma característica que marcou Terezín, onde a resistência à banalidade do mal se apresentou em formas expressivas na música, na poesia, em desenhos. O que ora foi deturpado pelos nazistas e serviu como propaganda de Terezín, - o gueto que era vendido como cidade-modelo. No entanto, houve também uma arte subterrânea, de denúncia. Uma arte que foi a única arma que os judeus puderam dispor, na luta desigual que foram obrigados a enfrentar.

Palavras-vagalumes que, como nas Revistas de Terezín e nas palavras poéticas de Pavel Friedman, constituem um testemunho único sobre o que foi a sobrevivência em Terezín. Palavras das quais emana um grito de testemunho.

Importante pontuarmos que o dever de preservar a memória, o passado, resgatar as falas, imagens e a vida é, acima de tudo, um dever ético (GAGNEBIN, 2006). Mas, mais do que isso, é importante que façamos a desvinculação entre as palavras-sobreviventes das infâncias de Terezín com um lugar qualquer na história no passado, para que assim possamos de fato compreender a importância da memória para a consolidação de uma outra educação - uma educação que se consolide enquanto um instrumento capaz de reencantar o mundo - este tão fundado em uma razão instrumental.

Somado a isso, para que possamos compreender o que a escrita dessas infâncias significam, em concordância com Bussoletti e Guareschi (2011), acredito que é necessário tentar reencontrar o que o mundo pode ainda experimentar - e aprender - pelas infâncias, sendo este um movimento onde a paisagem pode se alterar. Para compreender o que a infância, o que ela conta e suas múltiplas singularidades, através de Bussoletti, defende-se que...

É necessário, pois, tentar reencontrar o que o mundo adulto pode ainda experimentar pela infância, algo como pequenas epifanias, que fazem o “já visto” aparecer como diferente. Nesse processo uma palavra pode assumir a força repentina de tornar-se um instante vivo. Assim, a paisagem se altera e tudo poderá aparecer com uma nitidez de novidade (BUSSOLETTI; GUARESCHI, 2011, p. 307).

4. CONCLUSÕES

Defende-se aqui que cabe a nós- também a educação -, lembrar do passado, mas não um lembrar por lembrar que se transpõe em culto ao passado, como reflete Gagbnebin (2006) ao escrever sobre o significado de elaborar o passado, utilizando as reflexões de Adorno:

No texto de Adorno, que é judeu e sobrevivente, a exigência de não-esquecimento não é um apelo a comemorações solenes; é, muito mais, uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir — e isso é decisivo — instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente (GAGNEBIN, 2006. pg 103).

É nessa elaboração de instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente que cabe o educar pela memória; porque, como enfatiza Gagnebin (2006) a Shoah é singular sim e, nesse sentido restrito, única — mas não é o único acontecimento na longa cadeia de horrores, de aniquilações, de genocídios; há muitos outros acontecimentos diferentes, mas semelhantes no horror e na crueldade.

A holocaustização das infâncias ainda segue, como aponta Bussoletti (2007), pois a sociedade capitalista deu e dá continuidade às políticas nem sempre visíveis de extermínio das infâncias na contemporaneidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSOLETTI, D. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da esperança: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa.** 2007, 395f. Tese (Doutorado em Psicologia) - PUC/RS, Porto Alegre, 2007.

GAGNEBIN, J. **Lembrar, escrever, esquecer.** 2006. São Paulo, Editora 34 Ltda.

DIDI-HUBERMAN, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Editora UFMG. BH. 2014.

TEREZÍN RELAY, disponível em <<http://terezinskastafeta.cz/>> .